



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

**PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA: COMO É “ESTAR DO LADO DE LÁ”?**

Juliana Canuto Lorete<sup>1</sup>  
Gabriel Ribeiro Sarmiento<sup>1</sup>  
Adriana Estevão<sup>2</sup>  
Rosianny Campos Berto<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto aborda uma experiência oriunda de um trabalho interdisciplinar que tinha a intervenção escolar como meio de avaliação. Os saberes apreendidos nas disciplinas “Conhecimento e metodologia do ensino da dança”; “Corpo, movimento e escolarização”; “Pesquisa e docência em educação física” e “Pensamento pedagógico da educação e da educação física” possibilitaram um momento significativo do processo de formação inicial. Esse relato pretende dar visibilidade a essa vivência.

### **Introdução**

Este trabalho tem por objetivo relatar e problematizar as primeiras aproximações com a docência de um grupo de alunos do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

A proposta, nascida a partir de quatro disciplinas do curso,<sup>3</sup> tinha como eixo comum observar, experimentar e refletir sobre o ambiente escolar, a partir da perspectiva da docência, buscando compreender as relações plurais que se estabelecem nesse *locus*, o modo como são planejadas e como acontecem as aulas de Educação Física e a maneira como a instituição se organiza. Esse processo de investigação deveria culminar em uma intervenção.

Ser professor, neste texto, é compreendido com base naquilo que Garcia e Alves (2001) denominam *professor pesquisador de sua própria prática* e que envolve o comprometimento, o inconformismo e a busca de soluções para os problemas do cotidiano. Compreendemos que narrar nosso processo de aproximação inicial com a escola e com a docência, significa possibilitar reflexões sobre elas e, desse modo, constituir nosso processo de formação.

Pensar o planejamento e a forma de concretizar nossa experiência demandou conhecer os sujeitos da escola e o modo como ela se constitui. Por isso a primeira etapa, fundamental para a organização do trabalho, envolveu uma investigação sobre as características da escola.

<sup>1</sup> Alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física.

<sup>2</sup> Professoras do Curso de Licenciatura em Educação Física.

<sup>3</sup> *Conhecimento e metodologia do ensino da dança; Corpo, movimento e escolarização; Pesquisa e docência em educação física e Pensamento pedagógico da educação e da educação física.*



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Vinculada à rede municipal de ensino de Vitória-ES, a instituição se localiza em um bairro de classe média, mas recebe, também, alunos de regiões vizinhas. O corpo escolar constitui-se de 45 professores e estagiários, 11 coordenadores, quatro secretárias, um diretor, cinco merendeiras, quatro vigilantes e outros nove funcionários responsáveis por serviços gerais. A estrutura física conta com um prédio de dois andares com 16 salas de aula, um refeitório, sala de informática, de artes, quadra e auditório.

Após esse olhar para o *locus*, voltamo-nos, especificamente, para a aula de Educação Física e, em conversa com o professor, fizemos a opção por acompanhar uma turma de terceira série do ensino fundamental.

Nos vimos diante da escola, seus sujeitos e suas práticas, a partir de relações diferentes daquelas estabelecidas em outros momentos como alunos. Passaríamos, agora, a ver e viver a escola como professores em formação e, para isso, seria preciso compreender o modo como aquele espaço/tempo<sup>4</sup> se organiza. Nesse sentido, Vago (1999), orienta que tentar compreender a escola requer atenção aos seus dispositivos de organização interna e às suas práticas, condição necessária para pôr em cena a perspectiva dos ‘agentes educacionais’.

#### **Desafio lançado: como é estar “do lado de lá”?**

Após um período de preparação durante as aulas na universidade, com base em textos, filmes, discussões e reflexões sobre a escola, seguimos para o nosso desafio de experimentar como é ser professor ou o que significa estar ‘do lado de lá’. Enfim chegamos à instituição de ensino e fomos muito bem recebidos. Nosso primeiro contato com as aulas de Educação Física foi pela via da observação. O professor ministrava duas aulas semanais de 50 minutos em cada turma, dividindo-as, por vezes, na única quadra existente. Apesar de a estrutura física da escola contemplar o mínimo necessário para o desenvolvimento de uma aula, o professor se via desafiado a trabalhar com um espaço restrito para a Educação Física.

Nesse dia, a maioria dos meninos foi jogar futebol na quadra, enquanto as meninas jogavam voleibol e queimada ao lado. Dividindo o espaço, havia algumas crianças, brincando sozinhas que, segundo o professor, tinham necessidades educacionais especiais (NEE). Para ele, sua presença na quadra era uma forma de participação na aula. Diante disso, questionamo-nos sobre o significado de incluir e sobre o modo como aquele professor e nós mesmos, compreendíamos a inclusão. Diante das dificuldades que enfrentaríamos, resolvemos trabalhar com a ideia de que incluir demanda que busquemos “metodologias interativas, que faça do reconhecimento das diversidades estratégias para uma nova aprendizagem [...] para se respeitar toda a dignidade dos diferentes” (FERREIRA, 2003, p. 130).

Foi aí que começamos a “olhar com outros olhos” para a diversidade do cotidiano escolar. Ela envolve questões que se relacionam, diretamente, com o modo

---

<sup>4</sup> Cf. Faria Filho e Vidal (2000).



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

como aquele espaço se organiza e envolve as relações estabelecidas por aqueles sujeitos, tão singulares. Ali era possível assistir a cenas de agressão entre os alunos, de exclusão, mas, também, de solidariedade. Isso nos leva a pensar sobre o modo como Vago (1999) compreende a escola. Para ele, essa instituição é uma construção histórica resultante da pluralidade de dispositivos científicos, religiosos, políticos e pedagógicos. É ainda, lugar de organização e produção de uma cultura específica, onde os professores, os alunos e os membros da comunidade envolvida são sujeitos praticantes e produtores dessa cultura.

Entre esses sujeitos, estava o “professor parceiro” que nos acolheu. Atencioso, ele relatava as características da turma e descrevia, ao seu modo, os comportamentos dos alunos respondendo, prontamente, nossas perguntas. Para ele, aquela era uma “aula tranquila”, pelo fato de a maioria das meninas terem optado por jogar queimada. Na verdade essa “opção” era carregada de receio por parte do professor, já que elas gostariam, também, de aprender futebol. Isso nos faz pensar sobre os conflitos e as possibilidades ao lidarmos com turmas mistas, e sobre o papel do professor na mediação. Havia entre as meninas, uma que apreciava jogar futebol e que “batia de frente” com os meninos. Apesar disso, sua habilidade com o esporte, fazia com que fosse acolhida. Para Pereira (2004), o sexo não é um problema em si. Muitas vezes o que conta é a habilidade. Como é possível resolver essas questões? O que leva à fragmentação de uma turma nas aulas e à separação dos alunos? Que concepções de Educação Física estão implícitas nessa prática?

Para além da turma de terceira série, também fomos orientados a observar outros momentos como a hora do recreio, por exemplo. Geralmente, o modo como se agrupavam era homogêneo no que diz respeito ao sexo. Nossa impressão era de que os grupos escolhiam-se de acordo com algumas características: aqueles considerados bagunceiros, os “nerds”, as “patricinhas” e os tímidos.

Um grupo nos chamou atenção por ser heterogêneo. Percebemos que o motivo da união era os aparelhos eletrônicos. Essas constatações nos fizeram pensar em como as relações de amizade estão sendo construídas dentro do ambiente escolar: alguns formam seus grupos por afinidades, outros ficam sozinhos. Se por um lado a escola é lugar de exclusão, por outro, é local de acolhimento, de construção de amizades, por meio das quais podemos aprender a conviver e a respeitar as diferenças.

Ainda observando momentos extra classe, reparamos que muitos queriam valorizar sua aparência usando uma roupa da moda, para serem diferentes. O fato é que, na tentativa de afirmar a diferença, afirmavam a igualdade: nos deparamos com jovens vestidos de maneiras parecidas: alguns de calça jeans ou com o mesmo tipo de chinelo e bermuda, além de meninos com exagerados cordões de prata. Várias meninas mostravam um *piercing* no umbigo e as tatuagens apareciam desenhadas pelo corpo sem distinção de sexo. Sobre essa mudança nos estudantes, Ghiraldelli Jr. (2007), constata que é como se a escola tivesse adotado tal padrão como oficial: ou todos são *sexy* ou não são alunos. Segundo o autor, isso é um indício de que, na vida dos jovens e, então, no campo da educação, as informações e opiniões estão crescentemente articuladas ao corpo, de um modo mais importante do que imaginamos.



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

**O exercício da docência: desafios da prática**

Após as observações chegara a hora de propor um conteúdo a ser trabalhado na primeira experiência de intervenção. Segundo o professor o conteúdo menos recorrente em suas aulas de Educação Física era a dança. Justificou que não havia espaço adequado para o desenvolvimento dessa temática e, era difícil trabalhar com turmas mistas. A partir disso sentimos necessidade de compreender porque a dança é um saber menos tematizado nas escolas, pois esse argumento do professor é bastante recorrente. Consultamos os alunos e juntos decidimos pela dança.

Brasileiro (2002; 2003) entrevistou quatro professores de Educação Física. Apenas um deles disse trabalhar com essa temática, mesmo assim fez restrições ao espaço físico. Os outros três, citaram a carência de materiais; a dificuldade dos alunos aceitarem tal conteúdo e, também, a falta de conhecimento por parte dos docentes como fatores restritivos.

Entendemos que a dança deveria ser um conteúdo valorizado nas aulas de Educação Física. Através dela é possível criar um vocabulário corporal próprio permitindo inclusive o contato com diversas culturas populares, além das estrangeiras, aumentando, ainda, o repertório de movimentos corporais para os alunos. As vivências com dança proporcionam a articulação do contexto dos alunos com os subtextos, textos e contextos<sup>5</sup> da própria dança.

Voltamos à escola e apresentamos ao professor o planejamento que construímos. Explicamos a ele que o ensino da “Dança de rua” seria baseado na perspectiva Crítico-Superadora (SOARES et al., 1992) que leva em consideração o que o aluno sabe sobre o conteúdo. Propõe que seja contextualizado historicamente o tema tendo em vista uma abordagem problematizadora, a fim de que os alunos consigam re-significar o conhecimento anterior.

O intuito da aula era aproximar os alunos do conteúdo dança de rua através de sua história; fazer com que eles conhecessem seus elementos e a partir deles criassem outros movimentos.

No dia da nossa aula, os alunos foram reunidos em círculo para uma conversa e para a apresentação do conteúdo. A turma se envolveu nesse momento de diálogo e poucos foram aqueles que se recusaram a participar. Inicialmente, contamos como se manifestou a dança de rua e qual era o contexto social da época. Em seguida, falamos a respeito de seus componentes e os exemplificamos, pedindo que eles dessem sugestões. Todos realizaram movimentos de acordo com o que era proposto.

Partimos para a segunda atividade, que era separar a turma em dois grupos para que pudessem criar uma pequena coreografia. Esse foi o momento de inclusão dos alunos que não estavam participando da aula, devido a um acordo feito com o professor, segundo o qual aqueles que não participassem da aula, também não poderiam realizar outra atividade. Sem opção e vendo que os colegas estavam se organizando, esses alunos entraram nos grupos e acabaram se envolvendo.

---

<sup>5</sup> Cf. Marques (2001).



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Organizamos, com base nesse acervo de movimentos “recriados” pelos alunos, uma estrutura coreográfica e, os grupos então, passaram a apresentá-las. Uma primeira questão que merece destaque foi a competição gerada, sobre a qual foi preciso intervir. Aproveitamos a oportunidade para contar a história das “batalhas” dos grupos de dança, que tinham como objetivo diminuir os conflitos entre gangues. Após esse momento, alguns disseram que em nada edificavam as reações de deboche ao que foi apresentado pelos colegas. Com essas intervenções, a avaliação foi feita durante toda a aula.

Notamos que, para alguns, a aula foi ruim por não saberem dançar ou por não gostarem do estilo musical. Para outros, no entanto, ela teve efeito positivo. No geral, enfatizaram que foi algo diferente do que costumam vivenciar nas aulas de Educação Física.

Consideramos que essa parte da experiência foi bastante significativa, pois nos colocou diante do desafio da docência, que implica muito mais do que a simples transmissão de conhecimentos. Ensinar requer de nós atitudes inesperadas diante de situações adversas. É preciso tomar decisões e fazer intervenções a fim de que as aulas e aquilo que estamos tentando ensinar faça sentido para os alunos.

#### Considerações finais

Compreendemos esses momentos de encontro com a escola, com seus sujeitos e com o “ser professor”, como importantes, pois, se por um lado ele foi atravessado por tensão e insegurança, por outro, foi um desafio prazeroso, carregado de significados.

A cultura escolar de Educação Física já vem, há muito, sendo coletivamente produzida em circunstâncias várias, conforme revela Vago (1999). Envolve o resultado de um intenso esforço que estudantes e professores vêm realizando para problematizar o lugar da Educação Física na escola. Por isso, narrar essas experiências é sempre importante, pois corroborando o pensamento do autor, partir de práticas escolares é um modo vital de pensar a pesquisa, a intervenção e o conhecimento na área.

Experimentar, por alguns dias, as belezas e as mazelas de viver a escola, faz os estudantes voltarem diferentes para a universidade. Falar sobre a escola, agora, tem outro sentido e, por meio deste texto, buscamos colocar em questão o primeiro encontro com o universo amplo e diverso que é a escola, do qual por anos participamos como estudantes e que, agora, nos foi apresentado sob outro ponto de vista: o do papel de professor. Há muitas barreiras a serem transpostas. Essa experiência foi significativa no momento em que colocou os discentes de educação física diante de um cotidiano no qual muito em breve estarão atuando. Do lado de lá!

#### Referências

BRASILEIRO, L. T. O conteúdo dança em aulas de educação física: Temos o que ensinar. **Pensar a Prática**, 6, jul./jun. 2002/2003. p.45-58.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Nº 14, mai./jun./jul./ago. 2000.

GHIRALDELLI JR., P. **O corpo**: filosofia e educação. São Paulo: Ática, 2007.

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje**: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, S. A. M. **O sexismo nas aulas de educação física**: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**, São Paulo: Cortez, 1992.

VAGO, T. M. Intervenção e conhecimento na escola: por uma cultura escolar de Educação Física. In: GOELLNER, S. V. (Org.). **Ciência do Esporte**: intervenção e conhecimento. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.